

Ministros do PMDB vão deixar governo

Archer, Luís Henrique e Celso Furtado decidem sair logo após a fala de Sarney

BRASÍLIA — Foi uma longa noite a de terça-feira, na residência oficial do ministro da Previdência, Renato Archer. Nas horas que se seguiram ao pronunciamento do presidente José Sarney, com duras críticas aos trabalhos de elaboração da futura Carta, foram tomadas ali duas importantes decisões: o afastamento de três ministros — Archer, Luiz Henrique, da Ciência e Tecnologia, e Celso Furtado, da Cultura — e a resposta de Ulysses Guimarães, como presidente da Constituinte, à fala de Sarney.

Quando os convidados de Archer chegaram a sua residência, na Península dos Ministros, no Lago Sul, o ministro já tinha tomado a decisão de deixar o governo, agora colocada como irreversível. O ministro repetiu a Ulysses, aos

dois ministros e aos líderes peemedebistas Nelson Jobim, Ibsen Pinheiro e ao vice-líder Cid Carvalho as pressões pelas demissões em massa na sua Pasta e o confronto envolvendo as novas despesas da Previdência.

O líder do PMDB na Constituinte, deputado Nelson Jobim, chamado à reunião por Ulysses, fez críticas duras ao pronunciamento de Sarney. O ministro Luiz Henrique e Ibsen Pinheiro foram menos cáusticos — a exemplo de Cid Carvalho, Renato Archer foi muito incisivo: diante do que estava acontecendo com sua pasta e pela fala presidencial, sua única decisão seria a exoneração.

DESCALABRO

Os ministros Celso Furtado e Luiz Henrique garantiram a Ulysses que, saindo Renato, não poderiam permanecer. O presidente do PMDB, desta vez, não tentou fazer com que nenhum deles desistisse da renúncia. O ministro da Cultura, ao anunciar sua decisão de acompanhar Renato Archer na demissão, não deixou de fazer críti-

cas ao "descalabro" da administração Sarney. Luiz Henrique limitou-se a dar solidariedade a Ulysses e Archer.

Archer passou a manhã e o início da tarde de ontem em sua residência, reunido com seus assessores: o secretário-geral Aloísio Teixeira, o chefe de gabinete José Gregori, o assessor de imprensa José Montserrat, Aloísio Daves e Mauro Vieira. A presença do deputado Cid Carvalho alimentou as notícias sobre a demissão. Ao deixar a residência, disse que só falaria à imprensa depois de conversar com o presidente Sarney. "Ainda não tomei nenhuma decisão", garantiu.

Celso Furtado teve um dia rotineiro. Recusou-se a dar entrevistas e, segundo informações de seus assessores, ao longo do dia ligou várias vezes para o deputado Ulysses Guimarães, no Congresso. Furtado deixou o ministério às 20 horas, mantendo sua agenda de hoje com quatro audiências pela manhã e dois compromissos externos.

Sarney não pedirá a ninguém que fique

BRASÍLIA — O presidente José Sarney não vai fazer nenhum apelo, a quem quer que seja, para que permaneça no ministério. Foi isso o que ele disse ontem, num telefonema de Tefé (Amazonas) para o ministro Ronaldo Costa Couto. O presidente, segundo o chefe da Casa Civil, ressaltou ainda que tudo o que tinha a dizer à Nação foi dito em seu pronunciamento de terça-feira.

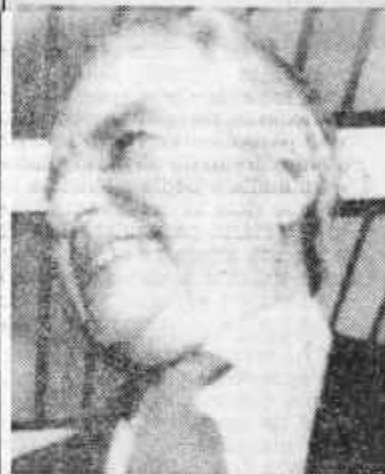
Visivelmente nervoso, Costa Couto procurou demonstrar que a aprovação global do projeto de Constituição não poderia ser considerada uma derrota do Planalto. "O governo não tem nenhum projeto. O projeto é da Constituinte", argumentou. Depois, lembrou que o próprio Ulysses Guimarães reconheceu que o texto contém imperfeições, opinião endossada por líderes partidários.

No telefonema que recebeu de Sarney, o ministro garantiu não ter ouvido comentário sobre o pronunciamento de Ulysses Guimarães na televisão. Da mesma forma, Costa Couto não quis falar sobre os rumores de demissão dos ministros Renato Archer, Luiz Henrique e Celso Furtado.



Costa Couto: o governo não tem um projeto próprio

Os ministros de Ulysses



Jose Paulo/AE

Renato Archer

BRASÍLIA — O ministro da Previdência e Assistência Social, Renato Archer, teve três grandes "chefes" políticos em sua longa carreira: Vitorino Freire, antigo líder no Maranhão; Juscelino Kubitschek, de cuja vitoriosa candidatura presidencial foi um dos coordenadores; e Ulysses Guimarães, todos eles do velho PSD. Foi também muito ligado a Tancredo Neves e José Maria Alckmin.

Ao ser indicado ministro da Ciência e Tecnologia por Tancredo Neves, no início de 85, Renato Archer já era considerado "ministro de Ulysses", o que teria até agora impedido Sarney de destituí-lo, apesar das pressões dos governistas do PFL, do PMDB e do PTB.

Há meses Archer vem pensando em deixar o Ministério, principalmente depois de sua transferência para a Previdência Social. Nessa pasta aumentaram as pressões do PFL.

Recentemente, o ministro da Previdência sentiu o cerco apertar: Sarney queria que ele fizesse substituições em massa na Previdência, a começar pelo Maranhão. Archer comunicou a Ulysses que depois disso não poderia mais atender aos apelos para que ficasse. E as diferenças com o Planalto continuam aumentando.



Ricardo Chaves/AE

Celso Furtado

BRASÍLIA — Oficial da Força Expedicionária Brasileira que lutou na Itália, o advogado e economista Celso Furtado começou a se destacar nacionalmente durante o governo Juscelino Kubitschek. Foi ele quem organizou a parte econômica do programa metas de JK e depois, quando dirigia o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, propôs a criação da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), da qual seria mais tarde o superintendente. No governo João Goulart, chegou a ministro do Planejamento. Em abril de 84, o Ato Institucional nº 1 cassou seus direitos políticos. Sua saída foi o Exterior — Estados Unidos, Inglaterra e França. Tem atualmente 23 livros sobre economia publicados, e é mais traduzido que Jorge Amado.

No final de 84 voltou ao Brasil, a convite do presidente eleito Tancredo Neves, de quem seria o ministro da Fazenda. Não foi ministro, mas embaixador do Brasil na CEE. De dois anos para cá, é ministro da Cultura do governo Sarney. Nesse tempo, tem sido um tímido ou discreto conselheiro do multipresidente Ulysses Guimarães. Com tática, tem driblado toda possibilidade de crítica a José Sarney.



Ricardo Chaves/AE

Luis Henrique

BRASÍLIA — O ministro da Ciência e Tecnologia, Luis Henrique da Silveira, 47 anos, assumiu a pasta que era ocupada pelo ministro Renato Archer, da Previdência, para acomodar, num desarranjo de forças, as peças-chaves do presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, no governo. Com a saída do ministro Raphael de Almeida Magalhães da Previdência, Archer foi alçado ao lugar e Luis Henrique convidado para a Ciência e Tecnologia.

Esse ministério era considerado estratégico para garantir a política do PMDB de reserva de mercado na área da informática. Advogado e professor, homem de confiança de Ulysses, Luis Henrique foi para o cargo com a promessa de transferência para o Ministério da Justiça.

Porém acabou ficando.

Começou sua carreira política elegendo-se deputado estadual por Santa Catarina, em 1973, e federal em 75, pelo MDB. Foi prefeito de Joinville, de 77 a 82. Retornou à Câmara em 83 e reelegeu-se em 87, para a Assembleia Nacional Constituinte. Seu mandato como líder do PMDB na Câmara, onde o deputado Ibsen Pinheiro o substituiu, termina no final da atual legislatura, ainda este ano.

O prato da sucessão

LUIZ CLÁUDIO CUNHA

O imortal José Sarney faz poesia. O eterno Ulysses Guimarães faz política. Essa diferença explica o massacrante resultado de ontem, quando o governo que queria "zerar" a Constituinte garantiu apenas 13 votos entre os 471 parlamentares presentes. As "brasileiras e brasileiros" tremaram, na noite de terça, com o discurso desestabilizador de Sarney no rádio e na TV. As "senhores constituintes" e os "senhores constituintes" vibraram, na tarde de ontem, com a fala restauradora de Ulysses.

Sarney jogou com os números para dar favores e receber um mandato de cinco anos e voltou a jogar com os números, agora, para intimidar a Constituinte. Só que, na conta final, os números favoreceram Ulysses — que conta mais e melhor. O Centrão, de sau-

dosa memória, esfumou-se na desastrosa e vazia ofensiva do Planalto tentando negar o inegável: o trabalho (bom ou mau) dos constituintes. A maioria governista e moderada que deu uma sobrevida de um ano para Sarney agora faz as contas e se pergunta: para quê? O presidente que não consegue controlar a economia parece também enredado na espiral incontrolável da política. Mas não há motivos para pânico.

A desmoralizante votação de ontem mostra que o centro, muito maior do que o Centrão, também não confia em Sarney. O centro confia mesmo é em Ulysses, cada vez mais o centro de equilíbrio político em torno do qual giram a Nova República, o próprio governo e, como sempre, o PMDB. Na convenção nacional do partido, em agosto, os históricos e moderados que ameaçavam chocar de frente na disputa pelo comando

se preparam, a partir de agora, para cerrar fileiras em torno do paladino da governabilidade: o deputado Ulysses Guimarães. O esperto governador Newton Cardoso, que é mineiro, ontem gastou o dia brasileiro em mesuras ao favorito de Ulysses, o ministro Renato Archer.

Mas não é bom apostar no recrudescimento de Ulysses contra Sarney. Ao contrário. Como é de seu feitio, firme mas sereno, o pessedista Ulysses vai procurar manter seus ministros no governo, pois não interessa a ele um Sarney ainda mais debilitado. O grande desafio de Ulysses, agora, é mastigar com elegância, e sem voracidade, a enorme vitória de ontem. O prêmio é o banquete da sucessão. E o prato de resistência, a partir de ontem, se chama Ulysses Guimarães.

Luiz Cláudio Cunha é diretor de O Estado de S. Paulo/Jornal da Tarde em Brasília